

Quando as pessoas de bom coração decidem agir à altura e confiar no futuro, constroem um exemplo a ser seguido. A força luminosa da boa vontade reorganiza o todo social sem fazer barulho e quase invisivelmente. Os que têm calma e dizem “não” à mentira colhem os frutos da sinceridade e alcançam a sabedoria.

Enquanto a ambição cega produz conflito, o coração simples vive em paz. O *Tao Teh Ching* ensina:

“Procura atingir a suprema Humildade.[2] Sustenta firme a base da Quietude. Miríades de coisas se formam e se erguem para a atividade, mas eu as vi caírem de volta e repousarem, assim como a vegetação que cresce luxuriante mas retorna às raízes do chão onde nasceu. Regressar às próprias origens, eis o que é o Repouso. É o que se chama retornar ao seu próprio Destino. Quem regressa à sua finalidade encontra a Eterna Lei.[3] Conhecer a Lei Eterna é o Esclarecimento.” [4]

O nível de boa vontade entre cidadãos e líderes depende da força das convicções compartilhadas pelas pessoas.

O que une as pessoas em um grupo - desde um país a um bairro ou associação teosófica - é o sentimento de lealdade a alguns princípios básicos. É o respeito comum a um conjunto de valores e pontos de vista. A boa vontade e o discernimento, combinados, mantêm vivos um casamento, a família e a civilização.

NOTAS:

[1] Alguém já disse que “a falta de inteligência das pessoas está na razão direta do seu gosto por viver no meio do barulho”.

[2] Hsu: vazio, vácuo. Mas pelo uso atual, esse “vazio” não significa senão “Humildade” e “serenidade”, princípios centrais do Taoísmo. (Nota da edição em inglês)

[3] Ch’ang, o “estável”, a lei do progresso e da decadência, da necessária alternância dos opostos, podendo ser interpretada como a “lei universal da natureza” ou “a lei íntima do ser”, “o verdadeiro ser” (hsingming chih ch’ang), ambas de essência idêntica. (Nota da edição em inglês)

[4] Reproduzido do Capítulo XVI de “Tao Teh Ching”, publicado em “A Sabedoria da China e da Índia”, Lin Yutang, Irmãos Pongetti Editores, RJ, 1959, dois volumes, ver volume II, “A Sabedoria da China”, pp. 30-31. O trecho foi revisado de acordo com o original em inglês publicado em “The Wisdom of China and India”, de Lin Yutang, The Modern Library, New York, 1955, 1104 pp., página 591.

000

Veja o artigo [“O Casal Como Centro da Civilização”](#).

000

O Centro do Universo

Segundo o Escritor Português Teixeira de Pascoaes



O homem é um pequeno corpo visível e uma infinita imagem invisível. Do restrito lugar que ele ocupa, o seu pensamento abrange a vida universal. Entre os seus olhos e as estrelas medeia o espaço de uma lágrima... Entre a sua vida e a sua morte, ergue-se, vitorioso, o seu desejo de não morrer. E este desejo é a própria imortalidade.

Entre a sua alma angélica e a sua sombra demoníaca, gravitam todos os mundos, banhados em luz ou mergulhados na treva.

Toda a amplidão de sombra que faz a noite e toda a amplidão de luz que faz o dia, desenvolvem a sua imensa perspectiva, tenebrosa e luminosa, entre um rugido da sua crueldade e uma prece do seu amor.

O homem é o único animal que tem um valor universal e mesmo sobrenatural; - universal, porque é nele que o existente adquire um significado, - e sobrenatural, porque o seu pensamento excede a própria Natureza.

Somos o centro do Universo e tudo o que existe para além das suas últimas fronteiras. Na nossa alma é que todas as coisas ganham alma. Que seria a luz do sol se não fossem os nossos olhos?

(Teixeira de Pascoaes)

000

O fragmento acima é reproduzido da obra “A Caridade”, de Teixeira de Pascoaes, Lello Editores, Porto, Portugal, 1998, 62 pp., pp. 36-37.

É Preciso Colocar a Tecnologia a Serviço da Alma



Os atuais jogos eletrônicos não prejudicam apenas as crianças. Eles afastam seus usuários de si mesmos e provocam distúrbios mentais em pessoas de todas as idades.

Esta lucrativa forma de hipnotizar os cidadãos ataca a função do discernimento entre o real e o irreal, desperta um sentimento de falsa onipotência que é profundamente preguiçosa, prejudica a autoconfiança diante da vida e traslada a vontade de viver para dentro de um mundo imaginário, criado por empresários cujo objetivo é obter dinheiro fácil.

Assim se produz uma espécie de autômatos humanos, enquanto empresas moralmente desorientadas tratam de fabricar computadores humanoides.

Quando o mau uso da tecnologia se alastra, é como se as máquinas sequestrassem o bom senso dos cidadãos.

Os jogos eletrônicos, ao lado de outras formas doentias de adoração de máquinas, de armas, de dinheiro e tecnologia, tendem a afastar as pessoas de seus sentimentos, tornando-as muitas vezes cegas e surdas diante de suas próprias almas.

Toda tecnologia avançada é boa se estiver a serviço da vida e do crescimento interno de cada um.

O avanço material de uma sociedade deve garantir ao cidadão mais tempo e melhores oportunidades para a reflexão, o autoconhecimento e o trabalho altruísta. Deve reforçar os mecanismos democráticos dos países e reduzir o problema da injustiça social ao mesmo tempo que espalha a consciência ética.

A tecnologia destituída de compromisso moral apenas levaria o mundo de hoje a destruir a si mesmo, como nas lendas de Atlântida [1]; mas o avanço tecnológico é útil quando colocado humildemente a serviço da Alma.

NOTA:

[1] Veja em nossos websites associados o artigo “[Antiga Lenda Celta Sobre Atlântida](#)”.

A Teosofia da Vida Material



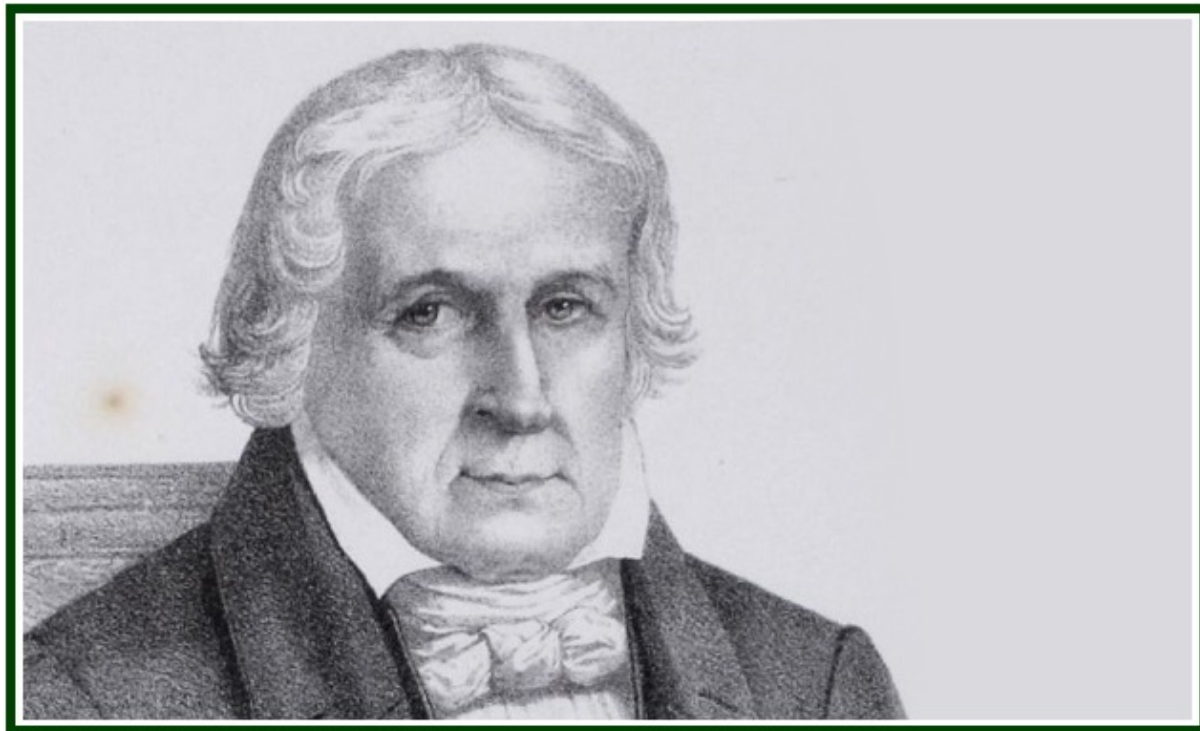
Aprender a melhorar a relação com o corpo físico é uma parte importante dos deveres de quem busca a sabedoria.

O veículo da vida material dos seres humanos é uma espécie de templo. É habitado por uma fagulha divina e um Espírito. O lado sagrado dos vários órgãos do corpo humano foi examinado por Helena Blavatsky nos escritos esotéricos e em outras partes da sua obra.

Não é sábio desprezar a existência física. Um ser humano é completo e consegue cumprir a missão da sua vida atual apenas enquanto estiver presente no plano físico da existência.

No entanto, à medida que passa o tempo, o peregrino é forçado a aprimorar o uso do seu veículo material. E quanto mais ele aprender nesta área, melhor, porque um corpo saudável é um instrumento valioso para quem busca compreender o cosmos e suas leis.

Ativando o Que é Mais Elevado Na Aura de Um País



José Bonifácio Andrada e Silva (1763-1838)

A gratidão regenera a alma. Para superar os seus desafios cármicos, todo país deve ser grato aos pioneiros do que há de melhor em sua história. O exemplo inspirador deixado por eles faz parte da conexão com os níveis superiores da aura da nação.[1]

O contato coletivo com o ideal de aperfeiçoamento humano evita o “hipnotismo da negatividade”, corta o círculo vicioso de pensamento destrutivo e desarticula os processos doentios do rancor, despertando a capacidade de construir uma comunidade socialmente justa e ecologicamente sustentável.

No círculo virtuoso, o que é correto evoca o que é correto.

Uma luz acende outra luz. O melhor do processo histórico aponta para o melhor do futuro. Por esse motivo prático, as lições mais belas do passado devem ser lembradas e resgatadas constantemente.

NOTA:

[1] Veja, por exemplo, um artigo clássico de Gilberto Freyre sobre o patriarca da Independência brasileira: “[A Propósito de José Bonifácio](#)”.

Ideias ao Longo do Caminho

Fatores Externos Têm Importância Secundária na Busca da Felicidade



* Uma fração de segundo contém a eternidade. O universo inteiro está presente em cada grão de areia. Todas as inteligências celestes permanecem em contato com cada alma honesta. Esta unidade transcendente floresce na percepção silenciosa da simetria da vida.

* A renúncia produz um sentimento de liberdade. Ela nos dá paz e uma satisfação mais profunda do que qualquer forma de desejo ou cobiça.

* Uma alegria interior surge da compreensão da unidade do cosmos. Há uma ligação direta entre cada individualidade e todos os outros seres. Tudo está unido no tempo e no espaço infinitos. O contentamento que nasce da compreensão desse fato não pode ser colocado em palavras.

* A vida se renova naturalmente em todos os níveis, quando abandonamos o apego ao que é antigo e não serve mais, mantendo a ligação com a sabedoria e as lições de todo o passado. Cada manhã nos traz uma pequena primavera, enquanto o entardecer nos propõe a ideia do outono. Quando a materialidade da vida se reduz, cabe experimentar a sua essência. No momento em que o ciclo vital chega ao auge, é correto viver a modéstia e a moderação.

* Seria falso pensar que a uma causa corresponde um efeito. Uma causa provoca muitos efeitos, e isso é especialmente verdadeiro quando a causa ocorre nos níveis superiores de consciência. Em um segundo a luz do Sol revela uma quantidade incalculável de objetos e situações. Um só pensamento e um propósito emitidos num nível nobre e abstrato de percepção podem mudar a realidade em seu devido tempo, muito mais do que qualquer esforço feito no mundo externo.

* O ser humano é o principal responsável pela qualidade dos pensamentos, das ideias e das imagens que atravessam sua mente, ou permanecem nela. Mesmo os pensamentos que vêm de fora só podem chegar até nós por alguma razão prática. Depende de nós aceitá-los, se saudáveis e verdadeiros, ou rejeitá-los, se forem falsos e desequilibrados. A autopurificação não é obra do acaso. Ela ocorre por mérito próprio quando a Alma está voltada espontaneamente para a Verdade, assim como a agulha da bússola aponta para o Norte.

* Fatores externos têm importância secundária na busca da felicidade. Decisiva é a capacidade interior de ver as coisas desde o ponto de vista do espaço ilimitado e da duração eterna.

* Saber esperar é parte da caminhada: há um tempo para avançar e um tempo para consolidar o avanço. Definir o ritmo certo, etapa por etapa, implica possuir tanto firmeza quanto desapego.

* A alegria de experimentar o infinito traz tanto a bem-aventurança como o autoesquecimento. Na perspectiva do eu inferior, a dor faz parte do conjunto, mas não é o foco principal. A luz e o contentamento estão na invisível essência dos seres humanos.

* O que é que determina o estado de espírito e emoções do peregrino: a força enganosa das circunstâncias externas, ou a relação interior com sua alma espiritual?

* Para que haja paz, não é necessário que tudo ocorra conforme se deseja. A harmonia é um produto da alma. Cabe olhar o mundo desde o ponto de vista do espírito. Quando o propósito é nobre, os obstáculos servem para treinar o peregrino no caminho sagrado.

* “Buscar a paz” é uma maneira de dizer. É a Paz que vem até nós, quando perseveramos na ação correta. E saber agir com justiça é um mistério que se resolve aos poucos.

* “Buscar a verdade” é também uma expressão que não se deve entender literalmente. A verdade se apresenta diante nós, quando passamos por um processo não muito fácil de construção, na vida diária, daquilo que é verdadeiro - e de desmascaramento do que não o é.

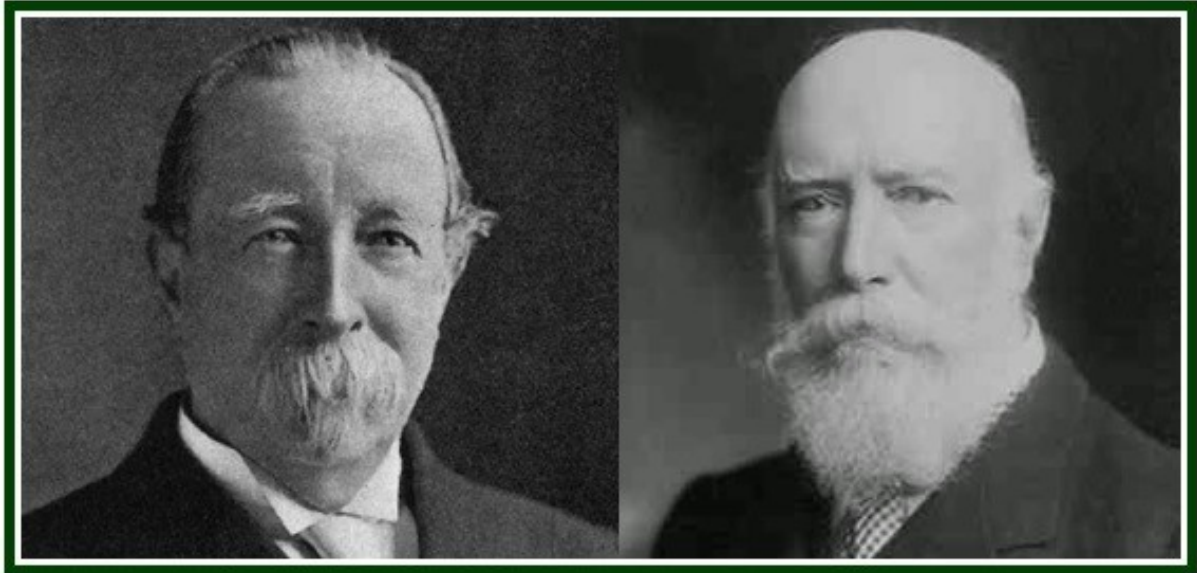
* A multiplicação de absurdos e aberrações na sociedade atual não deve desanimar o cidadão atento, porque não passa de uma maré cármica cheia de lições úteis a serem compreendidas. Absorvidas as lições, os problemas objetivos e concretos são facilmente superados.

* As lições que permitem curar os processos de decadência e degeneração social surgem do sentimento de respeito que toda comunidade deve ter por si mesma e pelos ideais que a inspiram. A autoestima da comunidade precisa refletir a autoestima do cidadão. Quem respeita a si mesmo, respeita o seu país e aqueles com quem se relaciona.

* Ao contrário da politicagem, a Política é parte da filosofia. É inseparável da sabedoria universal e consiste em buscar o bem comum. Platão, Cícero, Aristóteles, Lao-tzu, Confúcio e outros sábios de todos os tempos discutem Política como uma ciência ética e nobre, o que ela realmente é. Em nosso século, é preciso resgatar a Política do mundo da falsidade e trazê-la de volta para a esfera da boa vontade e da justiça.

Ensinamentos de um Mahatma - 11

Uma Compilação das Cartas Do Mestre de Helena Blavatsky



Allan O. Hume (esquerda) e Alfred P. Sinnett

Nota Editorial:

Este é o décimo primeiro de uma série de artigos reunindo cartas escritas pelo mestre de Helena P. Blavatsky. O texto a seguir corresponde à Carta 42 das “Cartas dos Mahatmas”. Uma nota da edição brasileira informa:

“Aparentemente o Mahatma havia recebido um pedido de que comentasse um panfleto escrito por Hume e fora acusado de não elogiá-lo o suficiente. Sinnett havia mostrado o comentário a Hume e este teve uma reação negativa.”

Dividimos os parágrafos longos para tornar mais fácil uma leitura contemplativa.

(CCA)

Carta nº 42

Recebida em Allahabad, fevereiro de 1882.

Antes que haja mais uma linha escrita entre nós, temos que chegar a um acordo, meu amigo impulsivo. Primeiro terá que me prometer, com lealdade, não julgar nenhum de nós, nem a situação, nem outra coisa que tenha alguma relação com os “Irmãos místicos” - altos ou

baixos, gordos ou magros - segundo a sua experiência mundana, ou você nunca chegará à verdade.

Por proceder assim até agora, você só tem perturbado a solene paz das minhas refeições durante várias noites seguidas, fazendo com que a minha assinatura, sinuosa como uma serpente, me perturbe até em meus sonhos, devido ao que você escreve e pensa sobre ela, pois, por telepatia, sinto-me puxado com ela até o outro lado das montanhas. Por que você é tão impaciente? Você tem toda uma vida diante de si para a nossa correspondência, embora ela deva ser irregular e incerta enquanto as nuvens tenebrosas do *Deva-lok* “Eclético” estejam descendo sobre o horizonte da Sociedade “Matriz”. Ela pode até ser subitamente interrompida devido à tensão provocada pelo nosso amigo demasiado intelectual. Oy-hai, Ram Ram! Pensar que mesmo a nossa crítica muito moderada sobre o folheto - uma crítica transmitida por você ao Sahib Hume - pode haver induzido este a nos matar com um só golpe! A nos destruir sem nos dar tempo para que chamássemos um padre ou mesmo para que nos arrependêssemos; ver que estamos vivos, e, no entanto, tão cruelmente despojados de nossa existência é verdadeiramente triste, embora em parte previsível. Mas tudo isso é por nossa culpa.

Se em vez disso tivéssemos prudentemente enviado um hino laudatório para o endereço dele poderíamos agora estar vivos e em plena forma, com abundância de saúde e vigor - embora talvez sem sabedoria - por longos anos futuros, e poderíamos encontrar nele o nosso *Ved-Vyasa* [1] para cantar as proezas ocultas de Krishna e Arjuna nas desoladas margens do Tsampa. Embora agora estejamos mortos e dissecados, ainda posso usar alguns minutos de meu tempo para escrever a você, como um *bhut* [2], no melhor idioma inglês que eu encontre desocupado no cérebro do meu amigo [3], onde também acho, nas células da memória, a ideia fosforescente de uma curta carta a ser enviada por ele ao editor do *Pioneer* para acalmar a sua impaciência inglesa. Amigo do meu amigo, K.H. não se esqueceu de você; K.H. não pretende romper com você, a menos que o Sahib Hume estrague a situação irremediavelmente. E por que ele o faria? Você tem feito tudo o que pode, e nós nunca pedimos mais do que isso a ninguém. E agora conversaremos.

Você deve pôr de lado completamente o elemento pessoal se quiser progredir no estudo oculto e - por um certo tempo - mesmo em relação a ele [4]. Compreenda, meu amigo, que os afetos pessoais têm pouca ou nenhuma influência sobre qualquer adepto verdadeiro no cumprimento do seu dever. À medida que ele se eleva em direção ao perfeito adepto, as fantasias e antipatias do seu eu anterior são enfraquecidas: (como K.H. explicou a você em essência) ele acolhe toda a humanidade em seu coração e a considera em conjunto. O seu caso é uma exceção.

Você se *impôs* a ele, e conquistou sua posição pela própria violência e intensidade do seu afeto por ele; e uma vez que ele o aceitou, terá que arcar com as consequências no futuro. Entretanto, não pode ser um problema para ele o que o Sinnett visível possa ser, os seus impulsos, seus fracassos e êxitos em seu mundo, a sua consideração maior ou menor por ele. Com o indivíduo “visível” nós nada temos a ver. Ele é para nós apenas um véu que oculta dos olhos profanos o outro *ego* em cuja evolução nós estamos interessados. No *rupa* [5] externo, faça o que você quiser, pense o que quiser: só quando os efeitos dessa ação voluntária são vistos no corpo que está em sintonia conosco é nosso dever prestar atenção a ela.

Não estamos nem satisfeitos nem desgostosos porque você não foi à reunião de Bombaim. Caso você *tivesse* ido, teria sido melhor para o seu “mérito”; como você não foi, perdeu este

pequeno ponto. Eu não podia nem tinha o direito de influenciar você de modo algum, precisamente porque você não é um *chela*. Foi um teste, um teste muito pequeno, embora lhe tenha parecido suficientemente importante para fazê-lo pensar “nos interesses da esposa e da criança”. Você terá muitos testes como este; porque, mesmo que nunca venha a ser um *chela*, nós não fazemos confidências nem para “protégés” [6] e pessoas com que nos correspondemos, se a discricção e a coragem moral deles não tiverem sido bem testadas. Você é uma vítima de *maya* [7]. Será uma luta prolongada para você conseguir romper a “catarata” e ver as coisas como elas são. O Sahib Hume é uma grande *maya* para você. Você vê somente as suas trincheiras de carne e osso, sua personalidade oficial, seu intelecto e suas influências. O que é tudo isso, diga-me, para o eu real dele, que você *não pode* ver, faça o que fizer? O que o talento dele de brilhar num *Durbar* [8] ou como dirigente de uma sociedade científica tem a ver com o seu grau de aptidão para a investigação oculta, ou com sua confiabilidade em relação a guardar os nossos segredos? Se desejássemos que algo de nossas vidas e do nosso trabalho fosse conhecido, as colunas do *Theosophist* não estariam abertas para nós? Por que haveríamos de revelar fatos, através dele, para serem preparados para o alimento do público com um molho de dúvidas nauseantes e um sarcasmo mordaz, do modo mais adequado para provocar confusão no estômago público? Para ele não há nada sagrado, seja dentro ou fora do ocultismo. Ele tem um temperamento de matador de pássaros [9] e matador da fé; sacrificaria sua própria carne e seu sangue sem qualquer remorso, como faz com um rouxinol oriental; e dissecaria a você e a nós, K.H. e a “querida Velha Senhora”, e faria com que todos nós sangrássemos até a morte sob seu bisturi - se pudesse - com tanta tranquilidade como faria com uma coruja, para colocar-nos em seu “museu” com as respectivas etiquetas e depois escrever as nossas necrologias para os aficionados amadores, em “Stray Feathers” [10]. Não, Sahib; o Hume *externo* é tão diferente do (e superior) ao Hume interno, quanto o Sinnett *externo* é diferente do (e inferior ao) nascente “protégé” interno. Aprenda isso e ponha este último a vigiar o editor para que ele não lhe aplique um truque sujo algum dia. Nossa maior dificuldade é a de ensinar os discípulos a não serem enganados pelas aparências.

Como você já foi informado por Damodar, através do D — [11], eu não chamei você de chela. Examine a sua carta para confirmar. Eu apenas perguntei a Olcott, brincando, se ele reconhecia em você o material de que são formados os chelas. Você só viu que as mãos de Bennett não estavam lavadas, que tinha as unhas sujas, usava uma linguagem grosseira e tinha, na sua opinião, um aspecto geral desagradável. Mas se *esse* modo de apreciar é o seu critério de excelência moral ou poder potencial, quantos adeptos ou *lamas* que produzem maravilhas passariam em seu exame? Esta é parte da sua cegueira. Se ele morresse neste minuto (e empregarei uma fraseologia cristã para fazê-lo compreender melhor), o Anjo Registrador da Morte derramaria por outros homens igualmente maltratados poucas lágrimas mais amargas do que as que derramaria por Bennett. Poucos homens têm sofrido (e sofrido injustamente) tanto como ele; e também poucos têm um coração mais bondoso, altruísta e sincero. Isto é tudo. E o sujo Bennett é *moralmente* tão superior ao cavalheiresco Hume, como você é superior ao seu *carregador*.

O que H.P.B. repetiu a você é correto: “os nativos não veem a rudeza de Bennett e K.H. também é um nativo”. O que eu quis dizer? Simplesmente que o nosso amigo, que é semelhante a um Buda, *pode ver, através do verniz*, a textura da madeira embaixo; e dentro da ostra viscosa e malcheirosa - “a preciosa pérola interna”! B. é um homem honesto e de coração sincero, além de possuir um tremendo valor moral e de ser um mártir autêntico. É a seres como este que o nosso K.H. admira, enquanto que só teria desprezo por um Chesterfield e um Grandison. Suponho que a generosidade do consumado “cavalheiro” K.H. para com o

tosco e pagão Bennett não seja mais surpreendente que a alegada condescendência do “cavalheiro” Jesus para com a prostituta Madalena.

Existe um olfato moral, assim como um olfato físico, meu amigo. Veja como K.H. compreendeu bem o seu caráter ao não enviar o jovem de Lahore para falar com você antes que mudasse de roupa. A doce polpa da laranja está *dentro* da casca, Sahib: tente localizar as joias dentro das caixas e não confie naquelas que estão desenhadas na tampa. Digo novamente: o homem é *honesto* e muito decidido; não exatamente um anjo - esses têm que ser procurados nas igrejas elegantes, em festas em mansões aristocráticas, teatros, clubes e outros *santuários* semelhantes - mas como os anjos estão fora da nossa cosmogonia, ficamos contentes com a ajuda de homens honestos e corajosos, ainda que sujos.

Digo tudo isso a você sem qualquer malícia ou amargura, ao contrário do que você erradamente pensa. Você fez progressos durante o ano passado - e portanto está mais perto de nós. Em consequência, eu lhe falo como a um amigo que espero, finalmente, converter a alguns dos nossos modos de pensar. Há uma ponta de egoísmo no seu entusiasmo por nosso estudo. Mesmo o seu sentimento por K.H. tem um caráter contraditório: no entanto, *você está mais próximo*. Só que você confiou demais em Hume, perdeu a confiança nele demasiado tarde, e agora o mau carma dele repercute sobre o seu, prejudicando-o. As suas amistosas indiscrições sobre coisas que foram confiadas somente a você por H.P.B. - a causa - estimulam as publicações apressadas dele - o efeito. Isso, receio, há de pesar contra você. Seja mais sábio daqui por diante. Se a nossa regra é ser cauteloso com confidências, é porque aprendemos desde o princípio que cada homem é pessoalmente responsável diante da Lei de Compensação por cada palavra que emite voluntariamente. Naturalmente o senhor Hume chamaria isto de jesuitismo.

Trate também de romper aquela grande *maya* contra a qual os estudantes de ocultismo têm sido sempre advertidos por seus instrutores - a busca de fenômenos. Assim como a busca da bebida alcoólica e do ópio, ela cresce quando é atendida. Os espíritas estão embriagados com isto. São bêbados taumatúrgicos. Se você não puder ficar satisfeito sem fenômenos nunca aprenderá a nossa filosofia.

Se você deseja pensamentos filosóficos e saudáveis, e pode satisfazer-se com eles, continuaremos a corresponder-nos. Eu lhe transmito uma profunda verdade ao dizer que se você (como seu legendário Shloma) simplesmente escolher a sabedoria, todas as outras coisas serão acrescentadas no devido tempo. A força das nossas verdades metafísicas não aumenta em nada pelo fato de que as nossas cartas caíam sobre os seus braços ou apareçam debaixo de sua almofada. Se nossa filosofia estiver errada, um *milagre* não a consertará. Convença-se disso em sua consciência e vamos conversar como homens sensatos. Por que devemos brincar com jogos infantis de surpresa? As nossas barbas já não estão crescidas?

E agora é hora de terminar com meu abominável trabalho literário e assim liberá-lo da tarefa [12]. Ah, sim - a sua “cosmogonia”! Bem, caro amigo: a sua cosmologia está entre as páginas de meu *Khuddaka Patha* - (minha Bíblia familiar) [13] - e fazendo um esforço supremo tentarei responder à questão assim que tiver tempo, porque neste momento estou ocupado. Você escolheu uma tarefa para uma vida inteira, e por algum motivo, em vez de generalizar, você se fixa em alguns detalhes que são extremamente difíceis para um principiante. Fique atento, meu bom Sahib. A tarefa é difícil e K.H., em homenagem aos velhos tempos, quando gostava de recitar poesia, pede-me que encerre a carta com o seguinte, para você:

“O caminho serpenteia montanha acima o tempo todo?”

“Sim, até o final.”

“E o trajeto de cada dia toma o dia todo?”

“Da manhã à noite, meu amigo.” [14]

O conhecimento, para a mente, como o alimento para o corpo, destina-se a nutrir e ajudar o crescimento, mas necessita ser bem digerido, e quanto mais completa e lentamente for encaminhado o processo, melhor será para o corpo e a mente.

Vi Olcott e o instruí sobre o que deve dizer ao nosso Sábio de Simla [15]. Caso a V.S. [16] se precipite em explicações epistolares com ele, detenha-a, pois O. se encarregou de tudo isso. Não tenho tempo para cuidar dela, mas a fiz prometer que nunca escreveria para ele sem que mostrasse sua carta primeiro a você.

Namaskar [17].

Atenciosamente,

M.

NOTAS:

[1] *Ved-Vyasa* - “Revelador dos Vedas”, intérprete das escrituras sagradas. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[2] *Bhut* - Um fantasma, a “casca” astral de um ser humano, destituída do seu eu superior. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[3] O Mahatma K.H. (Nota da edição cronológica das Cartas em inglês)

[4] Isto é, em relação ao Mahatma K.H. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[5] *Rupa*, forma ou veículo. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[6] *Protégés*, “protegidos”, em francês. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[7] *Maya* - ilusão. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[8] *Durbar* - salão social, salão de audiências, no idioma hindi. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[9] Como já foi mencionado em carta anterior, Allan Hume era um ornitólogo amador. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[10] Publicação ornitológica. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[11] *Deserdado*, ou Djual Khul. (Nota da edição cronológica das Cartas em inglês)

[12] Isto é, da tarefa de ler. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[13] O *Khuddaka Patha* faz parte do *Tripitaka*, o cânone budista em idioma páli, considerado por muitos como o equivalente da Bíblia no Budismo. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[14] Do poema *Up-Hill (Montanha Acima)*, de Christina Rossetti (1830-1894). (Nota da edição cronológica das Cartas em inglês) Sobre este tema, veja em nossos websites o artigo “[O Caminho Montanha Acima](#)”. (CCA)

[15] Hume. (Nota da edição cronológica das Cartas em inglês)

[16] V.S. - Velha Senhora, isto é, H.P.B. (Nota da edição brasileira das Cartas)

[17] Namaskar - “(Minhas) Saudações”. (Nota da terceira edição em inglês das Cartas)

000

O texto acima reproduz a carta 42 de “**Cartas dos Mahatmas**”, Ed. Teosófica, Brasília, 2001, coordenação editorial de Carlos Cardoso Aveline, Volume I, pp. 188-193. Corresponde à Carta XLIII em “**The Mahatma Letters**”, A. Trevor Barker (ed.). A edição em inglês de 1926 da obra está disponível em PDF nos websites associados.

000

A Beleza do Estudo Teosófico

O Leitor Avança Explorando um Vasto Mundo



Normalmente o desafio diário do estudante de filosofia esotérica é manter firme a rotina de estudo ao mesmo tempo em que se esforça por integrá-la ao seu cotidiano.

As inumeráveis tarefas, tanto na vida profissional como na vida familiar são, por vezes, dispersivas e podem ser o motivo da ansiedade que ataca o estudante, quando ele compara tal rotina com o mundo da introspecção e da paz interna que a filosofia esotérica lhe proporciona.

A rotina diária frequentemente exige o trato com pessoas ou situações que trazem desafios. Justamente de tais situações podem surgir boas oportunidades de perceber a atmosfera de aprendizado sempre presente em todas as situações. Cabe ao estudante saber como obter experiências positivas a partir das relações com pessoas e situações, desde as mais fáceis às mais difíceis. É dever dele seguir aprendendo e contribuindo com o aprendizado coletivo.

O aprendizado da filosofia esotérica é inútil se não for irradiado. A ajuda ao próximo se constitui em um dos princípios básicos em todas as tradições filosóficas clássicas, e está no cerne da tradição religiosa universal.

Transmutar a vida em devoção impessoal a todos os seres é tarefa que se vai construindo aos poucos. O legado de cada encarnação individual é a tarefa de construir um futuro para todos. O curso natural do fluxo cósmico é a espiritualização coletiva. Seguimos nós, todos os seres, montanha acima ajudando uns aos outros, como um corpo único. Existe uma beleza e uma poesia profunda no ato de ajudar a um irmão de caminhada. Sabemos que o rumo da bússola interior é correto, quando compartilhamos as vitórias e as dores alheias.

Se o fardo do mundo parecer pesado demais, é bom olhar para o futuro, para adiante, pois é lá que cedo ou tarde, após mais algumas encarnações, o eu interno e real se fará mais presente.

Construir o futuro é fixar a mente nas lições teosóficas, aprendidas nas horas de estudo e meditação.

O hábito do estudo correto remete à perseverança; faz querer melhorar a si mesmo e encontrar a paz interior almejada. A leitura e o estudo diários dos textos do acervo da Loja Independente de Teosofistas, disponível nos websites associados, contribuem para o reencontro com o centro de paz espiritual. E a prática de fazer anotações sobre eles é uma forma de interagir e dialogar com o tema, podendo resultar em uma comunicação que transcende a escrita ou a leitura, alcançando a esfera silenciosa da intuição.

Sobre isso, Cardoso Aveline escreveu:

“A prática milenar da memorização de livros e ensinamentos é cada vez mais necessária no século 21. Graças a ela, em qualquer momento de pausa o estudante atento impede que sua mente fique ociosa. Durante a espera em uma fila de banco, quando o sinal está vermelho no trânsito, em um engarrafamento ou na fila do caixa do supermercado, o buscador da verdade chama a si, para reler, algumas das ideias principais que estão escritas na sua alma. Ele as repassa, as recita mentalmente, e as observa. Ele as emite repetidamente no plano da mente, como um mantra, e o mantra o protege e o fortalece, enquanto atrai bom carma. O estudante também pode redigir em sua mente ideias adequadas para os desafios de cada momento. Deste modo, mantém sua mente concentrada e assume uma responsabilidade crescente sobre tudo o que passa por sua consciência, e tudo o que lhe acontece.” [1]

Em outro texto Cardoso Aveline escreve:

“É importante que a leitura meditativa tenha um método e um ritmo regulares. Para que a teosofia produza um efeito mais profundo sobre o caminhante e provoque o efeito indispensável do autoesquecimento, há um fator decisivo: o estudo diário da filosofia esotérica, de preferência a uma hora estabelecida do dia, em que haja sossego e pouca ou nenhuma chance de interrupção. Também é recomendável que o estudante faça anotações pessoais sobre o estudo.” [2]

O estudo da teosofia abarca os livros, a meditação silenciosa e a reflexão acerca do que se vai aprendendo. Ele também se dá nas lições do dia-a-dia, que devem ser vistas como um aprendizado sagrado e como oportunidades únicas dentro de um vasto contexto de evolução.

Existe teosofia nas artes que evocam o melhor da beleza universal, agindo diretamente sobre a intuição, proporcionando um reencontro com a beleza interna. O esforço do estudante vai produzindo, aos poucos, um tipo de afinação com o eu superior, readquirindo um tipo de musicalidade imortal, que envolve a redescoberta de si mesmo e de sua relação com a harmonia sétupla que rege os processos universais.

A teosofia está acima de qualquer tipo de rotina diária estafante. Ela proporciona paz, equilíbrio e felicidade ao estudante que sabiamente segue ampliando sua visão de mundo.

(Emanuel Tadeu Machado)

NOTAS:

[1] Do artigo "[A Biblioteca da Alma](#)", de Carlos Cardoso Aveline.

[2] Do texto "[O Desafio de Estudar Filosofia Esotérica](#)", de Carlos Cardoso Aveline.

000

Novos Textos em Nossos Websites

Dia 12 de abril, havia 2172 itens no acervo dos nossos websites associados [1], dos quais 1064 estavam em português, 1045 em inglês e 59 em espanhol.

Os seguintes itens - artigos, vídeos e poemas - foram publicados entre 14 de março e 12 de abril de 2018:

(Títulos mais recentes acima)

1. **Vídeo: O Pai Nosso do Iluminado** - *Loja Independente de Teosofistas*
2. **Conan Doyle Studied Theosophy** - *Carlos Cardoso Aveline*
3. **The Process of Mutual Understanding** - *A Mahatma of the Himalayas*
4. **O Constitucionalismo** - *Sérgio Fernando Moro*
5. **Two Poems on the One Law** - *Ella Wheeler Wilcox*
6. **Vídeo: Oração Para Antes de Dormir** - *Loja Independente de Teosofistas*
7. **Secret Thoughts** - *Ella Wheeler Wilcox* (poema)
8. **The Symbolism of Saturn's Hexagon** - *Juan Pedro Bercial*
9. **A Lição do Sol em Áries** - *Carlos Cardoso Aveline*
10. **The Lesson of the Sun in Aries** - *Carlos Cardoso Aveline*
11. **Autoimagem e Autoconhecimento** - *Carlos Cardoso Aveline*
12. **Mario Roso de Luna no Brasil** - *Raymundo Pinto Seidl*
13. **The Work of Theosophists** - *Carlos Cardoso Aveline*
14. **The Aquarian Theosophist, March 2018**
15. **Whatever Is - Is Best** - *Ella Wheeler Wilcox* (poema)
16. **A Imitação de Cristo** - *Carlos Cardoso Aveline*

